




**cada leitura,
uma experiência**

TEOLOGIA ANTI COLONIAL


CAMINHOS
DO
CRISTIANISMO INDÍGENA

ANDRÉ MUNIZ PURI





*Dedico este trabalho aos Pataxó, e
oro para que esta pesquisa faça jus a
este belo povo;
Aos Puri, povo dos meus ancestrais;
E aos meus pais, José Elio e Selma,
através dos quais essa ancestralidade
chegou até mim.*



SUMÁRIO

Introdução	9
Teologia, Colonização e Anticolonialidade	15
Colonialidade e anticolonialidade	16
Teologia e pensamento anticolonial	23
Uma breve história dos povos indígenas de Pindorama	29
As origens	29
A invasão europeia	35
Disputas religiosas	46
Do Império à contemporaneidade	51
O povo Pataxó de Minas Gerais	59
Conclusão	65
Religião e religiosidades indígenas	67
Religião e Religiosidade	67
Conceituações no campo das religiões indígenas	71

Elementos das religiosidades indígenas	76
As religiosidades e as identidades indígenas na contemporaneidade	82
Elementos da religiosidade tradicional do povo Pataxó	90
Conclusão	95
A Teologia Indígena	97
A dívida da evangelização	98
Indígenas na Teologia	103
Exegese Anticolonial	115
Culto e Rituais	122
Educação	127
Conclusão	131
Considerações finais	133
Referências	139

INTRODUÇÃO

Há anos a temática indígena me interessava, mas eu só fui descobrir o porquê durante a escrita do meu trabalho final de curso, cujo resultado, adaptado e ampliado, você tem agora em suas mãos. Da mesma forma como Moisés, um dia, conheceu o Deus de Abraão e Isaque e Jacó – os seus antepassados –, eu fui interpelado pelo Deus dos meus, Astéria, Francisca e Sotér, minhas ancestrais do povo Puri. Foi pela boca do meu avô que se desvelou esse mistério – ele, “negro Puri”, pela primeira vez em mais de vinte anos, resolveu me contar a história de nossas origens.

Para deixar que o Puri entrasse, tive me esvaziar da (in)civilização ocidental, dos mo-

dos teológicos propriamente europeus, e retornar as origens dos povos tradicionais, dos outros povos indígenas, e também do povo hebreu, autores de textos sagrados que foram usurpados na Europa e usados como bússola e ferramenta colonial. Ainda estou nesse processo, mas sinto que já posso compartilhar algumas coisas que tenho aprendido na caminhada, com outros teólogos e teólogas, indígenas e não-indígenas.

Todo teólogo ou teóloga precisa, no seu exercício teológico, entender que “não somos pessoas isoladas no mundo, nem a igreja como instituição existe à parte das demais organizações e grupos que formam a sociedade” (FERNANDES, 2019, p. 209). Os contextos sociais, históricos e culturais em que cada cristão vive influenciam grandemente sua hermenêutica e religiosidade, ou seja, a forma como lê a Bíblia e se relaciona com Deus. Logo, é natural que diferentes contextos gerem diferentes concepções teológicas.

E dentre as diversas realidades culturais que vivem nesse continente, estão os povos

indígenas, mais de trezentas etnias distintas só no território que hoje chamamos de Brasil. Visto que possuem uma história, cultura e organização social completamente diferente dos demais brasileiros, as compreensões teológicas e religiosas desses grupos também serão diferenciadas. Contudo, suas Teologias foram historicamente rejeitadas pelo sujeito dominante, alegando que “já havia uma forma de Teologia suficiente para todos os povos. Tratava-se da Teologia euroamericana [...]” (FERNANDES, 2019, p. 127) que, mesmo tendo nascido de contextos específicos, foi pregada como uma Teologia Universal. Essa Teologia, enquanto pensamento dogmático dos invasores europeus, foi utilizada para validar e justificar a colonização, a invasão de terras, o genocídio e o etnocídio (assassinato da cultura).

Leonardo Boff, teólogo da libertação, alerta que a religião dos povos originários “foi negada pelos missionários ou folclorizada pela cultura dominante. Agora se faz necessário reconhecer sua validade e legitimidade. Não apenas como um dado axial da cultura, mas em

sua significação estritamente teológica” (BOFF, 1992, p. 37). Logo, é importante dar eco às Teologias Indígenas, enquanto construção discursiva de sua própria fé, como forma de contrapor o etnocídio que esses povos enfrentaram ao longo de toda a sua história.

Há mais de 500 anos os nativos desse continente resistem aos ataques coloniais e neocoloniais. Portanto, a emergência de uma Teologia Indígena pode ser entendida em dois sentidos: primeiro, no sentido da sua “emersão” do mar de silêncio onde fora afogada desde que os primeiros jesuítas colocaram os pés nessa terra; segundo, porque é urgente que os cristãos cessem as violências – não apenas físicas, mas também as epistêmicas e até espirituais – contra os povos originários, e tomem uma outra postura, se tornando aliados dos Movimentos Indígenas, de suas lutas e suas resistências.

Nessa obra, o principal teólogo com quem construiremos os nossos diálogos é o Pastor Izaías Silva Souza/Hitohã Pataxó, um dos poucos teólogos a articular uma teologia

propriamente indígena dentro destas terras que chamamos de Brasil. Para isso, estudaremos um pouco da história dos povos indígenas e do povo Pataxó em particular, de modo a entender o contexto histórico e social na qual a Teologia Indígena nasceu. Em seguida, abordaremos alguns conceitos em torno das religiões e religiosidades indígenas, conheceremos algumas cosmovisões nativas, incluindo a pataxó, e seus conflitos e sincretismos com a fé cristã. Por fim, analisaremos, a partir principalmente da obra do Pr. Hitohã, os principais elementos, métodos e aportes no qual é produzida uma Teologia Indígena de fato.

TEOLOGIA, COLONIZAÇÃO e ANTICOLONIALIDADE

Até 1492, o continente que hoje é conhecido como América era habitado por milhares de pessoas que pertenciam a etnias, nações e civilizações completamente diferentes entre si. Eram muitas línguas e cada povo dava um nome diferente para as terras em que habitavam segundo o seu idioma, como Tawantinsuyu (atualmente Peru, Equador e Bolívia, principalmente), Anahuac (México e Guatemala) e Pindorama (atual Brasil). O nome “Abya Yala”, utilizado pelo povo Kuna, significa “Terra Madura” ou “Terra Viva”, e tem sido adotado cada vez mais hoje em dia por pessoas indígenas e autores de(s)coloniais e